

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Pearl that Broke Its Shell*

Autora: *Nadia Hashimi*

Copyright © 2014 by Nadia Hashimi

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Maria das Mercês Peixoto*

Revisão: *Miguel Ferreira/Editorial Presença*

Fotografia da capa: Massud Hossaini

Design da capa: Richard L. Aquan

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 422 388/17

1.ª edição, Lisboa, abril, 2017

Reservados todos os direitos para
a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*A água do mar implora à pérola
que parta a sua concha*

Do poema em êxtase
UM BEIJO QUE DESEJAMOS,
de Jalal Ad-Din Mohammad Rumi,
poeta persa do século XIII

CAPÍTULO UM

Rahima

A SHAHLA ESTAVA DE PÉ JUNTO À ENTRADA DA NOSSA CASA, cuja porta já mostrava alguma ferrugem no rebordo de metal verde-vivo. O pescoço esticado. A Parwin e eu contornámos a esquina e vimos o alívio nos seus olhos. Não podíamos voltar a atrasar-nos.

A Parwin lançou-me um olhar e retomámos o andar apressado. Fizemos um esforço para não correr. As solas de borracha batiam no pavimento e levantavam pequenas nuvens de bafô poeirento. As bainhas das saias batiam-nos nos tornozelos. O meu lenço de cabeça colado às gotas de suor da testa. Calculei que o mesmo acontecia com o da Parwin, visto que ele ainda não se tinha levantado com o vento.

Malditos! Foi por culpa deles. Aqueles rapazes de sorrisinhos desavergonhados e calças esfarrapadas! Esta não tinha sido a primeira vez que eles nos fizeram atrasar.

Corremos ao longo das portas, azuis, roxas, vermelho-borgonha. Manchas de cor numa tela de argila.

A Shahla chamou-nos com um aceno.

— Despachem-se! — silvou freneticamente.

Ofegantes, entrámos e seguimos atrás dela. O metal bateu contra o caixilho da porta.

— Parwin! Para que fizeste isso?

— Desculpa, desculpa! Não pensei que fizesse tanto barulho.

A Shahla lançou-lhe um olhar de repreensão, tal como eu. A Parwin fazia sempre barulho ao entrar.

— Por que razão demoraram tanto? Não vieram pela rua atrás da padaria?

— Não pudemos, Shahla! Era lá que eles estavam!

Tínhamos seguido pelo caminho mais longo em volta do mercado, evitando a padaria onde os rapazes costumavam permanecer, de ombros levantados, observando a selva de caqui que era a nossa aldeia.

Além de jogos improvisados de futebol de rua, era esse o principal desporto dos rapazes em idade escolar: observar as raparigas. Andavam por ali à espera que nós saíssemos das aulas. Uma vez fora do recinto da escola, podiam correr por entre carros e transeuntes para virem no nosso encalço. Achavam que isso era lisonjeador. Porém, assustava as raparigas, visto que as pessoas adorariam partir do princípio de que tinham sido elas a chamarem a atenção. Não existiam muitas maneiras de os rapazes se entreterem.

— Shahla, onde está a Rohila? — perguntei num sussurro. Sentia o coração aos saltos enquanto contornávamos em bicos dos pés as traseiras da casa.

— Foi levar comida à casa dos vizinhos. A Madar-*jan* cozinhou umas beringelas para eles. Acho que morreu alguém.

Morreu? O meu estômago contraiu-se e concentrei-me de novo em seguir os passos da Shahla.

— Onde está a Madar-*jan*? — perguntou a Parwin, a voz numa surdina nervosa.

— Está a adormecer a bebé — disse a Shahla, virando-se para nós. — Portanto é melhor não fazerem muito barulho, caso contrário vai perceber que só agora chegaram a casa.

A Parwin e eu ficámos paralisadas. A Shahla mostrou uma expressão consternada quando viu os nossos olhos muito abertos. Voltou-se rapidamente ao aperceber-se de que a Madar-*jan* se encontrava mesmo atrás dela. Tinha saído pela porta das traseiras e estava especada no pequeno pátio empedrado atrás da casa.

— A vossa mãe sabe perfeitamente quando é que vocês chegaram a casa e também sabe muito bem que a vossa irmã mais velha vos está a encobrir. — Tinha os braços cruzados com força sobre o peito.

A Shahla baixou a cabeça, envergonhada. A Parwin e eu tentámos evitar o olhar da Madar-*jan*.

— Onde é que estiveram?

Como eu gostaria de lhe contar a verdade!

Um rapaz, suficientemente sortudo para ter uma bicicleta, tinha vindo atrás de nós, ultrapassando-nos e depois andando em círculos para trás e para a frente. Nós não lhe prestámos nenhuma atenção. Da terceira vez que passou por nós, fê-lo demasiado próximo.

Rodou à nossa frente e voltou na nossa direção. Desceu a toda a velocidade pela rua poeirenta, abrandando quando chegou mais perto.

— Parwin, cuidado!

Antes que eu conseguisse desviá-la do caminho, a roda dianteira da bicicleta do perseguidor passou por cima de uma lata no chão; ele guinou para a esquerda e para a direita, depois desviou-se para evitar um cão vadio. A bicicleta veio direita a nós. O rapaz tinha as sobranceiras franzidas, a boca aberta enquanto fazia um esforço para recuperar o equilíbrio. Embateu contra a Parwin antes de cair sobre os degraus da frente de uma loja de produtos secos.

— Ai meu Deus! — exclamou ela, em voz alta e abalada. — Olha para ele! Foi bem feito!

— Parwin, a tua saia! — Os meus olhos tinham-se voltado para a bainha rasgada do vestido dela.

Era o seu novo uniforme da escola e a Parwin começou logo a chorar. Sabíamos que, se a Madar-*jan* contasse ao nosso pai, ele iria manter-nos em casa em vez de nos mandar às aulas. Já tinha acontecido antes.

— Porque é que vocês ficam todas caladas quando vos pergunto alguma coisa? Não têm nada a dizer em vossa defesa? Chegam a casa tarde e com ar de quem andou a correr atrás de cães pela rua!

A Shahla já nos tinha defendido muitas vezes e parecia muito irritada. A Parwin era uma pilha de nervos, sempre, e apenas conseguia ficar numa agitação nervosa. Ouvi a minha voz antes mesmo de saber o que ia dizer.

— Madar-*jan*, não tivemos culpa! Foi por causa de um rapaz de bicicleta, e nós ignorámo-lo mas ele não nos largava e eu até lhe gritei. Disse-lhe que ele era um idiota se não sabia o caminho para a sua casa.

A Parwin deixou escapar um risinho inadvertido. A Madar-*jan* lançou-lhe um olhar duro.

— Ele aproximou-se de vocês?

— Não, Madar-*jan*. Quer dizer, manteve-se uns metros atrás de nós. E não disse nada.

A Madar-*jan* suspirou e levou as mãos às fontes.

— Está bem. Vão para dentro e façam os trabalhos de casa. Veremos o que o vosso pai dirá disto.

— Vai contar-lhe? — perguntei, aflita.

— É claro que vou contar-lhe — respondeu, e deu-me uma palmada no traseiro quando passei por ela para entrar em casa. — Não temos o hábito de ocultar as coisas ao vosso pai!

Enquanto puxávamos dos lápis e dos cadernos, conversámos em voz baixa sobre o que iria dizer o Padar-*jan* quando chegasse a casa. A Parwin tinha algumas ideias.

— Acho que devíamos dizer ao Padar que as nossas professoras sabem desses rapazes e que eles já arranjaram problemas, por isso não vão voltar a aborrecer-nos — sugeriu a Parwin com entusiasmo.

— Parwin, isso não vai resultar. O que vais dizer quando a Madar for falar do assunto com a Khanum Behduri? — Shahla, a voz da razão.

— Bem, então podíamos dizer-lhe que o rapaz pediu desculpa e prometeu que não tornaria a incomodar-nos. Ou que vamos encontrar outro caminho para chegar à escola.

— Ótimo, Parwin. Vais ser tu a dizer-lho. Estou cansada de falar por todas.

— A Parwin não vai dizer nada. Ela só fala quando ninguém está a ouvir — comentei.

— Que engraçadinha, Rahima! Tu és muito corajosa, não és? Vamos ver a tua coragem quando o Padar-*jan* chegar a casa — disse a Parwin, fazendo beicinho.

Admito que, aos nove anos, eu não tinha muita coragem quando se tratava de enfrentar o Padar-*jan*. Ficava com as ideias entupidas dentro da boca. Para todos os efeitos, o Padar-*jan* decidiu tirar-nos da escola outra vez.

Pedimos e implorámos ao Padar-*jan* que nos deixasse voltar à escola. Uma das professoras da Parwin, uma amiga de infância da Madar-*jan*, até veio a nossa casa para tentar argumentar com os nossos pais. O Padar-*jan* tinha condescendido no passado, porém, desta vez foi diferente. Ele queria que fôssemos à escola, mas esforçava-se por descobrir como poderíamos fazê-lo em segurança. Como ficariam vistas as suas filhas, sendo perseguidas pelos rapazes locais? Que coisa horrível!

— Se eu tivesse um filho varão, isto não aconteceria! Que maldição! Por que razão temos uma casa cheia de raparigas? Não uma, nem duas...

mas cinco! — costumava ele vociferar. A Madar-*jan* atarefava-se com as lides domésticas, sentindo nos ombros o peso do desapontamento.

O temperamento dele tinha piorado ultimamente. A Madar-*jan* recomendava-nos que falássemos baixinho e fôssemos respeitosas. Dizia-nos que tinham acontecido muitas coisas más ao Padar-*jan* e isso o tornara um homem irascível. Dizia que, se todas nos portássemos bem, em breve ele voltaria ao seu estado normal. Contudo, era cada vez mais difícil recordar um tempo em que o Padar-*jan* não estivesse zangado e a gritar.

Agora que estávamos em casa, deram-me a tarefa extra de ir ao armazém buscar as mercearias. As minhas irmãs mais velhas não podiam sair porque eram mais crescidas e davam mais nas vistas. Eu era, até então, invisível para os rapazes e não corria riscos.

De dois em dois dias eu enfiava algumas notas da Madar-*jan* na bolsa que ela tinha cosido dentro da algibeira do meu vestido, de modo a eu não ter desculpa para as perder. Percorria o caminho sinuoso pelas ruas estreitas e caminhava trinta minutos até alcançar o mercado que adorava. As lojas fervilhavam de atividade. As mulheres tinham agora um aspeto diferente do de há uns anos. Algumas usavam burcas azuis, e outras, saias compridas e lenços de cabeça modestos. Os homens vestiam-se todos como o meu pai: longas túnicas com calças largas e tufadas, de cores tão sombrias como a nossa paisagem. Os rapazi-nhos pequenos usavam chapéus ornamentados com pequenos espelhos redondos e enfeites de rolinhos dourados. Quando lá chegava, tinha os sapatos novamente sujos de pó e recorria ao lenço de cabeça para usar como filtro das nuvens de poeira que as centenas de carros deixavam atrás de si. Era como se a paisagem cor de caqui estivesse a dissolver-se no ar da nossa aldeia.

Duas semanas após o nosso afastamento da escola, os donos das lojas já me conheciam. Não havia muitas raparigas de nove anos a seguirem com determinação de loja em loja. E tendo observado os meus pais a regatear os preços, pensei que podia fazer o mesmo. Discutia com o padeiro que tentava cobrar-me o dobro do que o vira cobrar à minha mãe. Refilava com o merceeiro que me dizia que a farinha que eu queria era importada e, por isso, sujeita a uma taxa adicional. Respondia-lhe que podia muito bem ir comprar essa farinha superior ao Agha Mir-wais ao fundo do quarteirão e troçava do preço que ele mencionava.

Ele rangia os dentes e enfiava a farinha no saco com as outras mercearias, resmungando em voz baixa palavras impróprias para crianças.

A Madar-*jan* ficava satisfeita com a minha ajuda de ir ao mercado. Ela já tinha bastante trabalho com a Sitara, que estava a dar os primeiros passos. A Madar-*jan* mandava a Parwin tomar conta da Sitara enquanto ela e a Shahla cuidavam das tarefas de limpar o pó, varrer e preparar a refeição da noite. Durante as tardes, a Madar-*jan* mandava-nos a todas sentar com os nossos livros e cadernos e fazer os trabalhos de casa que ela nos marcava.

Para a Shahla, os dias eram solitários e difíceis. Ansiava por estar com as amigas e falar com as professoras. Os pontos fortes da Shahla eram a intuição e a inteligência. Ela não era a melhor aluna da turma, mas geralmente encantava suficientemente as professoras para estas a incluírem numa pequena lista das alunas brilhantes. Tinha uma beleza mediana, mas dedicava grandes cuidados à sua aparência. Todas as noites passava pelo menos cinco minutos a escovar o cabelo, desde que alguém lhe dissesse que isso faria crescer mais os seus caracóis. O rosto da Shahla era aquilo a que poderíamos chamar agradável, não belo ou inesquecível. Porém, a sua personalidade fazia-a brilhar. As pessoas olhavam para ela e não podiam deixar de sorrir. Gentil e correta, era uma favorita na escola. Tinha uma maneira de olhar para nós que nos fazia sentir importantes. Perante a família e os amigos, a Shahla deixava a Madar-*jan* orgulhosa por falar com maturidade e perguntar por cada um dos membros da família.

— Como tem passado a Farzana-*jan*? Há tanto tempo que não a vejo! Por favor diga-lhe que perguntei por ela — costumava dizer. As avós acenavam com aprovação, elogiando a Madar-*jan* por ter educado uma filha tão atenciosa.

A Parwin era outra história. Era espetacular. Os seus olhos castanhos tinham uma expressão mais doce que os nossos. Os dela eram um misto de cinzento e cor de avelã, que nos faziam esquecer aquilo que íamos dizer. O cabelo pendia-lhe em volta do rosto em cachos ondulados com um brilho natural. Ela era, inegavelmente, a rapariga mais bonita de toda a nossa família alargada.

Mas era completamente desprovida de competências sociais. Se as amigas da Madar-*jan* passavam pela nossa casa, a Parwin encolhia-se

num canto, ocupando-se a dobrar e desdobrar uma toalha de mesa. Se conseguia escapar-se antes de as visitas entrarem na sala, melhor. Nada lhe dava mais alívio que evitar o tradicional cumprimento com três beijos. Dava respostas sucintas e o seu olhar não cessava de procurar a saída mais próxima.

— Parwin, por favor! A Khala Lailoma está a fazer-te uma pergunta. Não te importas de te voltar? Essas plantas não precisam de ser regadas neste preciso momento!

O que faltava à Parwin em competência social tinha ela a mais em capacidades artísticas. Usava com mestria o lápis e o papel. Nas suas mãos, a grafite transformava-se em energia visual. Rostos enrugados, um cão ferido, uma casa demasiado degradada para ser reparada. Ela tinha um dom, uma capacidade de nos mostrar aquilo que não víamos, embora os nossos olhos acompanhassem as mesmas vistas que os dela. Conseguia esboçar uma obra-prima em poucos minutos, mas a lavar a loiça podia demorar horas.

— A Parwin é de um outro mundo — costumava dizer a Madar-*jan*.
— É uma rapariga diferente.

— De que vai servir-lhe isso? Terá de sobreviver e fazer-se à vida — replicava o Padar-*jan*, que adorava os desenhos dela e conservava um monte deles na sua mesa de cabeceira, para folhear de tempos a tempos.

O outro senão da Parwin era ter nascido com um problema na anca. Alguém dissera à Madar-*jan* que ela certamente tinha passado demasiado tempo deitada de lado quando estava grávida. A partir do momento em que a Parwin começou a gatinhar, tornou-se evidente que havia algo de errado. Demorou muito mais tempo a aprender a andar e ficou sempre a coxear. O Padar-*jan* levou-a a um médico quando ela tinha cinco ou seis anos, mas disseram-lhe que já era demasiado tarde.

A seguir era eu. Não me importei tanto como as minhas irmãs com o facto de deixar de frequentar a escola. Acho que foi porque isso me deu a oportunidade de me aventurar fora de casa sozinha, sem duas irmãs mais velhas a humilharem-me ou a insistirem para que lhes desse a mão para atravessarmos a rua. Finalmente, tinha liberdade — até mais do que as minhas irmãs!

A Madar-*jan* precisava de ajuda para os recados e ultimamente era impossível depender do Padar-*jan* para o que quer que fosse. Ela pedia-lhe

que passasse pelo mercado no regresso a casa para trazer algumas coisas, e inevitavelmente ele esquecia-se, depois insultava-a por ter a despensa vazia. Mas se ela ia ao bazar sozinha, ele ainda ficava mais furioso. De vez em quando, a Madar-*jan* pedia aos vizinhos que lhe fossem buscar um artigo ou dois, mas procurava não fazer isso demasiadas vezes, sabendo que eles já cochichavam sobre a maneira peculiar como o Padar-*jan* caminhava ao subir e descer a nossa pequena rua, com as mãos a gesticular impetuosamente enquanto explicava algo aos pássaros. As minhas irmãs e eu também estranhávamos o seu comportamento, contudo a Madar-*jan* dizia-nos que o nosso pai precisava de tomar um medicamento especial e era por isso que às vezes agia de modo estranho.

Em casa, eu não conseguia deixar de contar as minhas aventuras no mundo exterior. Isso aborrecia mais a Shahla do que a Parwin, entretida com os seus lápis e papéis.

— Acho que amanhã vou ao mercado comprar grão-de-bico torrado. Tenho algumas moedas. Se quiseres, posso trazer também para ti, Shahla.

A Shahla suspirava e passava a Sitara de uma anca para a outra. Parecia uma mãe irritada.

— Esquece. Não quero grão-de-bico torrado. Vai lá acabar as tarefas, Rahima. Tenho a certeza de que andas lá por fora a passarinhar. Sem pressa nenhuma de voltares para casa.

— Eu não ando a *passarinhar*. Ando a fazer os recados que a Madar-*jan* me *manda* fazer. Mas não interessa. Até logo.

Não era tanto que eu quisesse que as minhas irmãs tivessem inveja de mim. Era mais porque queria celebrar os meus novos privilégios de ir e vir, de andar pelas lojas sem a supervisão da minha irmã. Se tivesse um pouco mais de tato, teria encontrado uma outra maneira de me exprimir. Mas a minha tagarelice chamava a atenção da Khala Shaima. Talvez houvesse um propósito mais alto para a minha insensibilidade.

A Khala Shaima era irmã da minha mãe — a sua irmã mais velha. A Madar-*jan* era a pessoa mais próxima dela na família e nós víamo-la com muita frequência. Se não tivéssemos crescido com ela por perto, provavelmente ficaríamos assustadas com a sua aparência. A Khala Shaima nascera com a coluna vertebral deformada, que ondulava ao longo das costas como uma serpente. Embora os nossos avós tivessem tido a esperança de encontrar-lhe um pretendente antes de a deformidade se tornar

demasiado evidente, ninguém se interessou por ela. Vinham famílias para pedir informações sobre a minha mãe ou a Khala Zeba, a mais nova das irmãs, porém nenhuma quis a Khala Shaima com as costas curvadas e um ombro mais elevado.

Ela percebeu cedo na vida que não atrairia a atenção de ninguém e decidiu não se preocupar mais com as aparências. Não arranjava as sobancelhas, não tirava meia dúzia de pelos que lhe nasceram no queixo e vestia todos os dias as mesmas roupas sombrias.

Em vez disso, concentrava as suas energias nas sobrinhas e nos sobrinhos e cuidava dos meus avós quando eles envelheceram. A Khala Shaima supervisionava tudo: certificava-se de que nós íamos bem na escola, de que tínhamos roupas adequadas para o inverno e de que os piolhos não tinham vindo alojar-se no nosso cabelo. Era como uma rede de salvação para tudo o que os meus pais pudessem não ter sido capazes de fazer por nós e era uma das poucas pessoas que conseguiam suportar estar perto do Padar-*jan*.

Mas era preciso conhecer a Khala Shaima para a *entender*. Quero dizer *entender* realmente. Se não soubéssemos que ela tinha as melhores intenções, podíamos pôr-nos de parte pela frieza da sua linguagem, pelas suas críticas ásperas ou pelo duvidoso olhar de soslaio que nos dirigia quando nos ouvia falar. Porém, se soubéssemos a maneira como ela fora tratada toda a vida, por estranhos e pela família, não ficaríamos surpreendidos.

Era boa para nós, sobrinhas, e chegava sempre com os bolsos cheios de guloseimas. O Padar-*jan* costumava comentar desdenhosamente, não na sua presença, que os bolsos da Khala Shaima eram a única coisa doce que ela tinha. As minhas irmãs e eu simulávamos paciência enquanto aguardávamos o farfalhar dos embrulhos de bombons. Quando ela chegou, eu tinha acabado de vir do mercado, e muito a tempo de receber o meu quinhão de guloseimas.

— Shaima, com toda a sinceridade, tu estás a estragar estas crianças com mimos! Onde é que vais arranjar bombons destes nos dias que correm? Não podem ser baratos!

— Não detenhas um burro que não te pertence! — ripostava ela. Essa era outra particularidade da Khala Shaima. Toda a gente usava esses provérbios afegãos antigos, mas a Khala Shaima usava e abusava. Isso tornava as conversas com ela tão tortuosas como a sua coluna vertebral. — Não te metas e vamos deixar as garotas voltarem aos trabalhos de casa.

— Já acabámos os trabalhos de casa, Khala Shaima — disse a Shahla.
— Estivemos toda a manhã a fazê-los.

— Toda a manhã? Hoje não foram à escola? — As sobranceiras da Shaima franziram-se.

— Não, Khala Shaima. Já não vamos mais à escola — respondeu a Shahla, desviando o olhar porque sabia que estava a irritar a Madar-*jan*.

— O que significa isso? Raisa! Por que razão é que as garotas não vão à escola?

Com relutância, a Madar-*jan* ergueu a cabeça do bule de chá.

— Tivemos de as tirar novamente.

— Meu Deus, que desculpa ridícula é que vocês arranjaram desta vez para as afastarem dos estudos? Foi um cão que lhes ladrou na rua?

— Não, Shaima. Achas que não me agradaria muito mais que elas fossem à escola? A questão é que têm acontecido disparates nas ruas. Sabes como são os rapazes. E, bem, o pai delas não gosta que elas saiam de casa para serem joguetes dos rapazes da vizinhança. Na verdade, eu não o censuro. Como sabes, só há um ano é que elas puderam começar a andar na rua. Talvez ainda seja demasiado cedo.

— Demasiado cedo? E que tal demasiado tarde? Elas deviam ter frequentado a escola durante todo esse tempo e não o fizeram. Imagina como estão atrasadas e, agora que podiam pôr-se a par das matérias, vocês vão mantê-las em casa para esfregarem o chão? Sempre haverá idiotas na rua a dizerem toda a espécie de coisas e a lançarem todo o tipo de olhares. Podes crer. Se vocês as retiverem em casa por causa disso, não são melhores que os talibãs que lhes fecharam as escolas.

A Shahla e a Parwin trocaram olhares.

— E então o que hei de eu fazer? Haseeb, o primo do Arif, contou-lhe que...

— O Haseeb? Esse imbecil que é mais estúpido que um tanque russo? Vocês estão a tomar decisões para as vossas filhas baseados em algo que o Haseeb disse? Irmã, não vos tinha em tão baixa conta.

A Madar-*jan* ofegava de frustração e massajava as fontes. — Então vais ficar aqui até o Arif chegar e dizes-lhe tu mesma o que achas que devemos fazer!

— Eu não disse que me ia embora, pois não? — respondeu a Khala Shaima com frieza. Encostou uma almofada ao pescoço torcido e reclinou-se

contra a parede. Nós preparámo-nos. O Padar-*jan* detestava lidar com as intromissões da Khala Shaima e era tão desbocado como ela nessas questões.

— ÉS UM IDIOTA SE PENSAS QUE ESTAS GAROTAS estão melhor a definhar nesta casa em vez de aprenderem alguma coisa na escola.

— Tu nunca foste à escola e vê como te saíste bem — gracejou o Padar-*jan*.

— Tenho mais bom senso do que tu, *engenheiro-sabib*. — Um golpe baixo. O Padar-*jan* tinha querido estudar engenharia quando terminou o secundário, mas a sua média não foi suficiente. Em vez disso, teve algumas aulas gerais durante um semestre e depois desistiu para começar a trabalhar. Agora tinha uma loja onde reparava artigos eletrónicos, e embora fosse bastante bom naquilo que fazia, ainda sentia uma certa amargura por não ser engenheiro, um título muito respeitado entre os afegãos.

— Vai para o diabo, Shaima! Sai da minha casa! Elas são minhas filhas e não preciso que uma aleijada me venha dizer o que devo fazer com elas!

— Pois bem, esta aleijada tem uma ideia que pode resolver o teu problema: poderes manter o teu precioso orgulho enquanto as garotas vão à escola.

— Esquece. Sai já para que eu não tenha de olhar outra vez para a tua cara. Raisal! Onde raio está a minha comida?

— Qual é a tua ideia, Shaima? — interveio a Madar-*jan*, desejosa de ouvir o que ela tinha para dizer. Afinal de contas, ela respeitava a irmã. E, na maior parte das vezes, a Shaima tinha razão. Arranjou rapidamente um prato com comida para o Padar-*jan*, que estava agora a olhar pela janela com uma expressão ausente.

— Raisal, lembras-te da história que a nossa avó nos contou? Lembras-te da Bibi Shekiba?

— Ah, sim! Mas como é que isso pode ajudar as garotas?

— Ela tornou-se naquilo que a família precisava. Tornou-se no que o rei precisava.

— O rei — troçou o Padar-*jan*. — As tuas histórias são cada vez mais loucas sempre que abres essa boca feia.

A Khala Shaima ignorou o comentário dele. Já tinha ouvido muito pior.

— Achas mesmo que isso também resultaria connosco?

— As garotas precisam de um irmão.

A Madar-*jan* desviou o olhar e suspirou, desapontada. O seu insucesso em gerar um filho varão sempre fora um ponto sensível desde o nascimento da Shahla. Ela não previra que tal assunto fosse novamente referido diante de todos nessa noite. Evitou os olhos do Padar-*jan*.

— Foi isso que vieste aqui dizer-me? Que precisamos de um filho? Achas que eu já não sei? Se a tua irmã fosse melhor esposa, talvez tivéssemos um!

— Para de arengar e deixa-me terminar.

Mas não terminou. Apenas começou. Nessa noite, a Khala Shaima começou uma história da minha trisavó Shekiba, uma história que as minhas irmãs e eu nunca tínhamos ouvido. Uma história que me transformou.